

**O JORNAL NA ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO**

*Letícia Priscila Pacheco<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Este artigo apresenta um relato e uma observação sobre o GasparZine, um fanzine desenvolvido dentro de um colégio particular a fim de divulgar as ações desenvolvidas dentro da instituição, incentivar os alunos à leitura e escrita e ainda estimular a identificação dos alunos com o ambiente escolar. Os objetivos deste trabalho são observar a presença da voz do leitor nos textos da página central do fanzine para que haja uma percepção de como o espaço possibilita o encorajamento do adolescente em uma participação efetiva dentro do ambiente escolar. Propõe-se ainda, discutir a importância do desenvolvimento de um jornal dentro da escola como forma de incentivo a leitura e a escrita não apenas de textos de caráter jornalístico, mas também todo e qualquer tipo de texto que possa fazer parte da vida desse sujeito. Há também a preocupação em observar a construção do imaginário a partir das narrativas pessoais dos alunos publicadas no GasparZine, visto neste momento como forma de socialização e reafirmação social. O desenvolvimento do trabalho se deu inicialmente, através de um relato das atividades realizadas o que inclui a breve descrição das subdivisões existentes no fanzine, exposição da temática de cada uma das edições, formato de reprodução e revisão bibliográfica sobre o assunto. A abordagem principal é sob a visão da educomunicação, conceito que tem se mostrado cada vez mais recorrente.

**Palavras-chave:** Educação. Identidade cultural. Jornal. Narrativa.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma reflexão a partir dos textos da página central do *GasparZine*, jornal publicado por professores, pais e alunos do Colégio Gaspar Silveira Martins em Venâncio Aires, em edições de outubro a dezembro de 2009. Foi dada preferência ao trabalho com estas edições por serem as primeiras, portanto experimentais, de forma que pudesse ser observado com mais clareza a presença da voz do leitor no papel de escritor em cada uma das três edições iniciais.

A temática abordada no jornal escolar foi variada de acordo com cada uma das edições, sendo escolhida pelos professores organizadores do mesmo a partir de sugestões dos demais professores, pais e alunos. A cada edição houve uma tentativa de uma maior aproximação ao público leitor de forma que eles também se sentissem confortáveis para participar das edições com seus textos e dicas de pauta.

A edição de outubro de 2009 levou em consideração o mês da criança. A partir do título “Criança: uma visão transdisciplinar” coletou-se relatos de diversos professores de acordo com suas áreas de conhecimento específicas, demonstrando uma visão geral a respeito do tema.

Em novembro o título da página central foi “Minha história no colégio Gaspar”, o que incentivou alunos, professores e funcionários a relatar suas experiências de vida na instituição. Na edição de dezembro foi dada ênfase para a turma do terceiro ano do ensino médio, os alunos formandos, que contaram seus sentimentos em relação ao colégio e narraram suas expectativas para o futuro. O jornal abordou ainda nas outras páginas o tema “Natal”, tão freqüente nesta época do ano.

Além da página central, objeto desta observação, o *fanzine* traz na capa, página inicial, fotos e chamadas para outros temas abordados em cada edição, sempre com um visual descontraído e informal. Pode ser observado ainda um curto editorial, agenda do mês, com as atividades previstas para o período dentro da instituição, um quadro chamado “A turma aqui da escola/ A turma lá de casa” que apresenta temas variados sempre discutidos por um professor e um pai ou mãe de aluno. Há também um espaço para divulgação das atividades

desenvolvidas pelo grêmio de alunos, uma seção de piadas e adivinhas, espaço para divulgação de textos de alunos e destaques da programação do mês anterior. A página final apresenta o espaço “Vila poética”, com poemas escritos por alunos e também os espaços “Li, gostei e indico” e “Vi, gostei e indico”, com indicações de livros e filmes através de breves resenhas escritas por alunos e professores. As publicações foram reproduzidas em formato A4, em preto e branco através de cópias reprográficas.

Estas três primeiras edições do GasparZine serviram de teste para um projeto tão grandioso e relevante para o aprendizado dos alunos. Ao considerarmos que os recursos para a publicação eram limitados, arrecadados através de espaços de publicidade vendidos a pessoas ligadas à comunidade escolar que tivessem interesse em divulgar seus estabelecimentos comerciais, notamos o grande esforço empregado ao projeto para que tais edições fossem possíveis.

Ao observarmos a implementação deste periódico na escola é importante salientarmos que o jornal foi produzido por professores, alunos e comunidade escolar para eles mesmos, com o objetivo principal de divulgar as ações realizadas dentro do educandário neste período e também incentivar os membros da comunidade escolar à prática da leitura e escrita. Como objetivo secundário, podemos considerar ainda o estímulo à identificação dos alunos com o ambiente escolar e fidelização dos mesmos.

Além de observar as marcas textuais que simbolizam a identificação dos alunos com o meio em que o jornal circula, outro objetivo é discutir o papel da produção narrativa no ambiente escolar e ainda observar quais elementos presentes na publicação que foram de mais relevância para a formação da identidade dos alunos e professores da presente instituição de ensino, considerando que

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (Hall, 2003).

## 2 O GASPARZINE

O nome *GasparZine* veio do termo *fanzine*, mais conhecido por *fanatic magazine*. É um tipo de publicação amadora de baixo custo, tradicionalmente utilizado por grupos de protesto ou considerados dissidentes. Segundo o website Wikipedia a forma original do *fanzine* engloba todos os tipos de temas, assumindo usualmente, mas não necessariamente, uma determinada postura política, em padrões experimentais. O público interessado em fanzines em geral é bastante diversificado em relação à idade o que o torna popular entre vários grupos sociais.

No Brasil o termo “fanzine” é um nome usado geralmente para toda publicação independente e é uma resposta à escassa publicação de histórias em quadrinhos no mercado nacional.

Tendo em vista um formato que viesse ao encontro das necessidades dos alunos e as possibilidades de investimento no projeto, o *fanzine* foi o formato escolhido para esta publicação, inovando assim na temática, já que está inserido no contexto escolar. Nessa experiência o “zine” passou a ser institucional e não independente.

Objeto de discussão neste trabalho, a página central do *GasparZine* apresenta relatos de professores, pais e alunos, geralmente com caráter de entrevista. Costa ao citar Melo define o gênero textual entrevista como um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade. Ao relacionarmos tal afirmação com o texto da página central das edições do *GasparZine* vemos claramente que trata-se de relatos, redigidos pelos protagonistas dos acontecimentos na escola, despidos de imparcialidade. Assim, a voz do indivíduo chega ao conhecimento do coletivo tornando seus relatos informação de posse do grupo leitor, podendo assim, ser ou não aceitos e assimilados.

Ainda, ao citar o manual da Folha de S. Paulo, Costa destaca que a finalidade da entrevista como gênero textual é permitir que o leitor conheça opiniões, ideias, pensamentos e observações de personagem da notícia ou de pessoa que tem algo relevante a dizer; o que vem de encontro aos objetivos do jornal escolar. No caso do *fanzine* observado, as ideias compartilhadas

pertenciam a um mesmo grupo, o que pode ter facilitado a aceitação deste meio como forma de expressão social.

A idéia de criar um jornal para publicação das atividades realizadas no colégio em questão já existia há algum tempo. Dessa forma um grupo de professores e pais se engajou no projeto e colocaram-no em prática. Inicialmente a ideia foi apresentada à direção da instituição e então a temática e pautas das primeiras edições foram escolhidas em reunião do grupo envolvido na elaboração. Logo se seguiu então o processo de elaboração, impressão e distribuição do mesmo dentro do colégio.

## **2.2 O jornal na escola**

O processo de produção de um jornal na escola envolve uma série de fatores que devem ser considerados cuidadosamente. Desde a organização de seu formato, imagens utilizadas, tipologia textual empregada e linguagem utilizada. Há ainda a preocupação com a utilização do mesmo para auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos, sem interferir, porém, no desenvolvimento das demais atividades e disciplinas do currículo obrigatório.

O fato de uma publicação ser amadora, com objetivo social torna o jornal passível de críticas e correria o risco de não se tornar popular entre o público alvo. No entanto, de acordo com Jaguaribe, 2007, os enredos e imagens dos meios midiáticos serão absorvidos no cotidiano de milhares de pessoas e se transformarão nos códigos interpretativos com os quais elas abalizam o mundo e tecem suas narrativas pessoais. Partindo desta idéia, podemos considerar tal publicação como um reflexo de como os alunos veem os meios de comunicação em geral e transferem tais experiências para o seu texto, o seu momento de narrar fatos e experiências.

Só o fato de existir um meio pelo qual a comunidade escolar pudesse divulgar suas ações já serviu de grande estímulo para que mais e mais indivíduos se dispusessem a participar da produção do jornal, seja com contribuição através de um texto ou mesmo uma idéia de pauta. Para organizar os espaços e textos a

serem publicados, a cada edição professores, pais e alunos que já haviam demonstrado interesse em expor suas narrativas, eram convidados a escrever sobre o tema proposto, o que então era editado e inserido no *fanzine*.

A identificação do público leitor com o meio de comunicação foi imediata, visto que eram suas narrativas, sua realidade que estava sendo retratada e admirada nas edições. Nota-se esta resposta do público leitor ao observarmos a publicação à partir de sua segunda edição, em que a voz do escritor é a mesma do leitor, representada por suas narrativas pessoais. Como vemos em Freire, a identidade do sujeito se forma através da relação deste com outras pessoas, da interação de valores, sentidos, símbolos e cultura dos mundos habitados pelo sujeito. A valorização das narrativas pessoais trouxe auto-afirmação para o grupo que viu nessas publicações um meio de solidificar sua identidade e consequentemente fazer ouvir sua voz.

À medida que o leitor se familiarizava com o GasparZine ficou mais clara a percepção de como os alunos e professores envolvidos estavam narrando suas histórias pessoais, experiências vividas dentro do ambiente escolar. Com a temática “Minha história no colégio Gaspar” publicada na página central da edição de novembro, é freqüente o uso da primeira pessoa do singular como em “Já faz oito anos que eu estudo no Gaspar”, ou ainda “Minha passagem como aluna do Gaspar...”, o que demonstra claramente tais textos como relatos pessoais. A partir de tal observação podemos perceber que no jornalismo informativo, o relato terá sua estrutura dependente de variáveis externas, bem como os acontecimentos e a relação estabelecida entre o jornalista e os protagonistas do acontecimento (Costa, 2010). No entanto nosso objeto de estudo traz consigo relatos dos próprios escritores, no caso alunos e professores no papel de jornalistas e ainda o ambiente onde tais acontecimentos se deram é o mesmo em que o jornal estava sendo divulgado. Aqui a relação entre escritor e leitor se dá internamente, nas reflexões do mesmo sobre seu papel em divulgar suas narrativas pessoais.

É essencial considerar que em lugar de meros espectadores ou leitores, descobrem-se como sujeitos ativos no processo de construção da notícia, contribuindo assim para sua expressão social e, consequentemente na melhoria

da leitura do mundo e na articulação dos conteúdos programáticos da escola (Caldas, 2006).

Ao demonstrar interesse e participar das publicações, vemos que há uma expressão de sujeitos críticos e interessados em fazer a diferença em seu meio, seja pela auto-afirmação ou mesmo pela identificação com o grupo.

### **2.3 Construção da identidade**

O GasparZine é um exemplo do pensamento de que a cultura nacional contribui para “unir” as diferenças numa única identidade (Freire, 2006) pois rompe em muitos aspectos com os moldes dos quais foi criado. Traz um texto institucional, social, dentro de um formato popularmente utilizado como forma de protesto. Ainda expõe uma forma pessoal de narração e claramente apresenta a voz do público para o próprio público, inserindo o jornal na escola com o objetivo de divulgar as ações e ainda desenvolver o senso crítico, estimular a leitura e a escrita entre os membros da comunidade escolar. Pois,

Para se ler o mundo a partir dos olhares dos outros, é fundamental que seus leitores aprendam a ler antes o mundo em que vivem, por meio da construção de suas próprias narrativas. (CALDAS, 2006)

Tais características podem ser importantíssimas ao vermos que tal publicação influenciou na afirmação de identidade desses alunos em seu meio escolar com a prática do enfoque da realidade como documento social que deve ser revelado para denunciar a condição humana (Jaguaribe, 2007).

Os textos publicados no jornal em questão serviram de incentivo aos alunos para que se sentissem mais motivados a expor suas ideias, opiniões e conseqüentemente suas narrativas. Beaugrande, citado por Marcuschi sugere que o texto seja tomado como um evento comunicativo em que convergem ações lingüísticas, sociais e cognitivas. É claro que estas ações estão presentes na publicação escolar, na medida em que auxilia no desenvolvimento lingüístico da comunidade escritora em questão, influenciando a prática da leitura e da escrita. É também social, considerando que os textos escritos poderão ser lidos por outros possíveis futuros escritores e que também serão motivados a fazer uso de

suas competências comunicativas para divulgar fatos relevantes ao público leitor. Hall afirma que

A identidade nessa concepção sociológica preenche espaço entre o “interior” e o “exterior”- entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (Hall, 2003, p 11,12).

Percebe-se que é na aceitação do coletivo, no olhar do outro que o ser humano é capaz de alcançar sua auto-afirmação. No caso do GasparZine, os sentimentos subjetivos dos leitores-escritores em relação ao ambiente escolar alinharam-se com a proposta de divulgação de sua realidade num meio de comunicação que possivelmente levaria a imagem de seus sentimentos para povoar o imaginário de outros leitores, nos levando a retomar ainda o pensamento de Hall de que a identidade costura o sujeito à estrutura.

O jornal é ainda uma ação cognitiva. Através de sua leitura mais e mais indivíduos irão construir o significado de tais narrativas e participarão do processo de construção do conhecimento juntamente, ou ainda como consequência dos atos de todos os outros indivíduos envolvidos neste processo, construindo a realidade do contexto em que o jornal está inserido. Olmi, explica que

Através do exercício constante de leitura/análise/compreensão do texto, pode-se ambicionar o incremento de uma atitude “decifradora” em relação à inteira realidade, ou de uma atitude criadora, estimulando os leitores a uma espécie de impulso exegético que se estenda ao extratextual e se transforme em desejo de sentido. (2005, p. 29)

Porém ao considerarmos Gabriel, 2005, p. 166 vemos que é importante lembrar que o acesso à compreensão é indireto, uma vez que não existe meios, ainda, para observar a atividade cerebral no momento da leitura e o estabelecimento de relações necessárias para o alcance da compreensão do texto. É difícil afirmarmos com certeza se o leitor conseguiu ou não produzir um sentido para sua leitura, principalmente se ele não tiver recursos de memória disponíveis para que possa associar à informação.

O processo de desenvolvimento do *fanzine* trouxe grande crescimento a todos os envolvidos. Não há crescimento apenas para os alunos ao aprenderem na sala de aula como funciona um jornal ou ainda de que forma as ideias podem ser interpretadas nas diversas leituras do mesmo. Há também um desenvolvimento social, o despertar dos questionamentos tão importantes para aqueles que tem acesso aos meios midiáticos tanto como protagonistas ou meros espectadores.

Segundo Escola, p. 02, a sociedade da informação e da comunicação vai emergindo como marca distintiva da nossa civilização conformando de forma decisiva a dimensão política, social, cultural, e educativa, outorgando à informação o estatuto nuclear em todo o processo civilizacional. Os meios de comunicação escritos fazem parte da vida do público letrado em geral, a maioria das famílias tem contato quase que diário com esses meios. Mesmo assim, a realidade é que muito leitores não estão prontos para questionar ou problematizar as leituras que fazem destes jornais. A informação produzida pela leitura de uma pessoa que não problematiza é rasa, pobre de associações e não acrescenta muito em termos de politização ou interação cultural.

Ao ensinar como se faz um jornal e colocar tais lições em prática há uma representação social no sentido de difundir ideias e compreender quais são as relações de poder presentes no nosso dia-a-dia. Hoje não é mais suficiente trazer o jornal para a aula, lê-lo e utilizá-lo como ferramenta para os estudos lingüísticos. Mais do que isso, o estudante precisa entender o porquê da notícia e não apenas o que ela narra, precisa conhecer todos os passos para a confecção do meio informativo e não apenas recebê-lo pronto como algo que não precisa ser questionado ou discutido.

Há muito mais do que informação no jornal. Há entrelinhas que só os leitores mais atentos serão capazes de compreender, há mais conteúdo do que o aluno possa imaginar, conhecimento que vai além das disciplinas do seu currículo escolar, é lá que ele pode ler sua própria vida, sua narrativa pessoal, escrita por outra pessoa ou até por ele mesmo como no GasparZine. Mais do que isso, são os meios de comunicação que povoam nosso imaginário e nos inserem no mundo

em que vivemos. E é por isso que a construção de um informativo se torna tão importante, mesmo sendo seu processo árduo e nem sempre bem sucedido.

Discutir a responsabilidade social da imprensa, do jornalista, compreender as intrincadas relações de poder que estão por trás da composição dos veículos, capacitar professores e alunos para entender os sentidos, o significado implícito no discurso da imprensa não são tarefas fáceis (CALDAS, 2006).

## 2.4 As tecnologias do imaginário

A publicação da realidade dos alunos e professores no jornal escolar pode ser pensada também do ponto de vista das tecnologias do imaginário. Silva, 2003, p. 09 afirma que o imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente. Nas edições observadas essas sensações e valores são compartilhados através dos relatos e informações narradas pelos alunos e professores escritores, tecendo uma rede de imagens, dando forma ao ambiente em que o *fanzine* é divulgado.

Através das tecnologias do imaginário a leitor é seduzido a compartilhar do mesmo ponto de vista, dos mesmos sentimentos, além disso, podemos dizer que o leitor se sente à vontade com tal poder de sedução. Ainda de acordo com Silva,

O imaginário é um reservatório/ motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras de vida e através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. (p. 11,12)

Vemos que a participação dos alunos nos textos do GasparZine foi mais intensa a partir da segunda edição. Uma hipótese que pode ser possível é que ao tomar conhecimento das formas textuais e visuais do jornal, os alunos leitores tenham se identificado com tais mecanismos que formam o imaginário e a partir desta identificação com o meio, puderam se sentir mais confortáveis para expressar suas ideias, narrar suas experiências, pois as tecnologias do imaginário buscam mais do que a informação, trabalha pela povoação do universo mental como um território de sensações fundamentais.

A hipótese apresentada acima está relacionada às ideias de Silva, 2003, p. 13, ao afirmar que a construção do imaginário se dá essencialmente por identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si). Isto ocorre à medida que o leitor constrói o significado do que lê, estabelece relações com seus sentimentos prévios e adapta estas informações para sua realidade, transformando-as em verdades pessoais.

Por isso, para que o leitor tenha uma identificação dos relatos lidos no jornal escolar, ele precisa acessar seus próprios sentimentos, sua experiência prévia e toda bagagem relevante para o meio escolar, pois segundo Silva, p. 20, o imaginário não surge do nada, não se trata de aquisição meramente espontânea, ele pode ser induzido. A indução dessas memórias é feita pelo pensamento coletivo impresso nos relatos da página central do GasparZine.

Não há laço social sem imaginário. O nó entre laço social e imaginário, em sociedades marcadas pela contradição e pelo conflito, depende do paradigma da complexidade: concilia-se o inconciliável nas vivências de cada dia. (Silva, 2003, p.21)

Ainda ao considerarmos as ideias de Silva, poderíamos definir o texto dos alunos como narrativas do vivido. Esta afirmação diz respeito ao caráter pessoal que a narrativa apresenta, a fato de serem histórias pessoais, contadas pelos próprios personagens, carregadas de sentimentos, capazes, portanto, de povoar o imaginário dos leitores e dar forma ao ambiente escolar dentro do imaginário destas pessoas.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o GasparZine foi um projeto de grande importância para o colégio Gaspar Silveira Martins. A partir da elaboração de um *fanzine* institucional buscou-se a participação mais efetiva da comunidade escolar na divulgação das atividades realizadas.

Ao observar as marcas textuais, podemos perceber a evolução do relacionamento dos alunos com o *fanzine*, de forma que a cada nova edição os

relatos pessoais se tornaram evidentes. Ao utilizar-se do formato *fanzine*, o grupo inovou ao produzir um jornal institucional amador.

O desenvolvimento do projeto tomou cuidado para não tomar espaço das disciplinas e conteúdos programáticos previstos no calendário escolar e ao mesmo tempo procurou trazer consigo o maior número de envolvidos possível.

Outro aspecto relevante da publicação foi o auxílio no desenvolvimento social e lingüístico dos envolvidos. Através da prática da leitura do *fanzine* distribuído dentro da escola, os leitores se identificaram com os textos produzidos por professores e alunos e se empenharam em participar mais ativamente das edições seguintes.

Algo interessante foi perceber o leitor no papel de escritor, narrando suas histórias pessoais, relatos carregados de memórias e sentimentos. Esta carga emocional pode ter servido de ignição para ativar o processo de reconhecimento, estranhamento e reelaboração das narrativas.

Como ação cognitiva, o GasparZine teve um papel importante no estímulo à leitura e problematização, não apenas de seus textos, mas também de outros meios informativos, pois segundo Marcuschi, 2008, p. 230, compreender exige habilidade, interação e trabalho.

A povoação do imaginário do leitor para construir o espaço de interação do GasparZine foi de imensa importância para crescimento do *fanzine*. Silva, 2003, p.15 fala de um imaginário tribal que retira o indivíduo da solidão e o insere em uma atmosfera de partilha. O *fanzine* que observamos pode ser considerado um ambiente de partilha de relatos de experiências, em espaço de divulgação desta identidade grupal.

Utilizar o jornal dentro da escola foi um passo muito importante no sentido de despertar ainda mais o interesse da comunidade escolar sobre o que acontece dentro dos muros da escola e mantê-los comprometidos com esse processo.

O questionamento despertado com a produção do jornal expande os horizontes perceptivos dos leitores e os torna capazes de entender não apenas as notícias, as informações que chegam a nós todos os dias. Há também que se observar o ponto de vista de quem as escreve, quais são as pessoas envolvidas no longo processo que é o ato de fazer jornalismo e ver que muitas vezes o

sucesso do trabalho que os ocupou exaustivamente para ser desenvolvido, vai depender do contexto em que o leitor está inserido para ser recebido positivamente. Seguindo este pensamento de recepção crítica por parte da sociedade, Jaguaribe, 2007, p. 16 afirma que há uma crescente demanda pela realidade, (porém) ela também é crescentemente contestada.

É ainda importante lembrar que, mesmo em meio a uma sociedade dominada pelos meios digitais, os meios de comunicação impressos, considerados antigos, continuam com sua importância e popularidade. Por mais que a população em geral se interesse mais e mais por blogs e meios virtuais, o jornal, a revista impressa ainda mantém seu status e confiabilidade. Gómez nos fala que

A chegada de um novo meio ou tecnologia não supõe necessariamente, nem tampouco imediatamente, a suplantação do anterior. E isto por várias razões. Primeiro, porque cada meio ou tecnologia é muito mais que isso. Sua transformação então envolve outros fatores, além dos estritamente técnicos e instrumentais. [...] Segundo, porque cada tecnologia demanda um tempo de aprendizagem e apropriação por parte dos usuários. [...] Terceiro, porque as tecnologias demandam uma atenção diversificada para gratificar seus usuários.[...] Quarto, [...] as velhas tecnologias sempre conservam um grau de distinção insubstituível. E quinto, porque cada nova tecnologia provoca outras mudanças subseqüentes, que também requerem reajustes e reacomodações variados por parte dos usuários. (2006, p. 84-85)

## **ABSTRACT**

This article presents a report and an observation on GasparZine, a fanzine developed within a private school in order to publicize the actions developed within the institution, encourage students to reading and writing, and also stimulate the students' identification with the school environment. Our objectives are to observe the presence of the voice of the reader in the texts of the fanzine central page so that there is a perception of how the space allows the encouragement of the adolescent in an effective participation within the school environment. It is also proposed to discuss the importance of the development of a newspaper inside the school as a way to encourage reading and writing of texts not only journalistic in

nature, but also any kind of text that can be part of the life of this subject. There is also concern in observing the construction of the imaginary from the students' personal narratives published in GasparZine, currently seen as a form of socialization and social reaffirmation. The work development took place initially through an account of activities which includes a brief description of the existing subdivisions in the fanzine, exposure of the theme of each edition, format playback and review of the literature on the subject. The main approach is under the vision of educational communication, a concept that has proven increasingly common.

**Keywords:** Education. Cultural identity. Newspaper. Narrative.

## NOTA

- <sup>1</sup> Aluna do curso de Mestrado em Letras na Unisc, Universidade de Santa Cruz do sul, professora do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense.

## REFERÊNCIAS

- CALDAS, Graça. *Mídia, escola e leitura crítica do mundo*. *Educ. Soc.* [online]. 2006, vol.27, n.94, pp. 117-130.
- COSTA, Lailton Alves da. *Gêneros Jornalísticos*. IN: *Gêneros jornalísticos no Brasil*. Org. MELO, José Marques de, et al. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. pp. 40 – 83.
- ESCOLA. Joaquim José Jacinto. *Ensinar a aprender na sociedade do conhecimento*. Em : <http://www.bocc.ubi.pt/pag/escola-joaquim-ensinar-aprender-sociedade-conhecimento.pdf>, acesso em 04/01/2011.
- FREIRE, Isa Maria. *Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local*. *Ci. Inf.* [online]. 2006, vol.35, n.2, pp. 58-67.
- GABRIEL. Rosângela. *Compreensão em leitura: como avaliá-la?*. IN: *Leitura e cognição: uma abordagem transdisciplinar / Alba Olmi e Norberto Perkoski (Org.)*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.
- GÓMEZ. Guillermo Orozco. *Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos*. IN.: *Sociedade midiaticizada/ Denis Moraes*

(org.); (traduções de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel). Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A. 2003. 7ª ed.

JAGUARIBE, Beatriz. *O Choque do real*. Estética, mídia e cultura. Rio de Janeiro, Rocco, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLMI, Alba. *Leitura, literatura e ciências cognitivas: uma aliança difícil mas necessária*. IN: *Leitura e cognição: uma abordagem transdisciplinar* / Alba Olmi e Norberto Perkoski (Org.). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SILVA, Juremir Machado da. *As tecnologias do imaginário*. 2. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

*Recebido: 22 de setembro de 2011  
Aprovado: 12 de dezembro de 2011  
Contato: letipacheco@gmail.com*